



A GÍRIA “MANO”: VARIAÇÃO DIASTRÁTICA E DIAFÁSICA NA PERSPECTIVA DA AMPLIAÇÃO SEMÂNTICA E DA ENTONAÇÃO

THE SLANG “MANO”: DIASTRATIC AND DIAPHASIC VARIATIONS IN THE PERSPECTIVE OF SEMANTIC EXPANSION AND INTONATION

Flavio Biasutti Valadares (IFSP)¹
flaviusvaladares@ifsp.edu.br

RESUMO: O artigo objetiva apresentar uma análise de usos da gíria “mano” na perspectiva diastrático-etária e do processo de mudança linguística na esfera diafásica, bem como em contextos entonacionais que promovem sua ampliação semântica. Para tanto, utiliza os conceitos da Teoria da Variação e Mudança Linguística (LABOV, 1994; WEINREICH, HERZOG E LABOV, 2006; LUCCHESI, 2012), de ampliação semântica (ALVES, 2022), de entonação (CANTERO, 2002) e de prosódia (CAGLIARI, 1992, 2007), associados ao conceito de gíria (PRETI, 1984; TRASK, 2004). Adota como metodologia a análise do item linguístico “mano” utilizado em distintos contextos e com diferentes projeções entonacionais. A partir disso, argumenta que a inovação observada na gíria selecionada indica processo de mudança linguística com tendência diafásica. Conclui que a base “mano”, ao ter ampliação semântica decorrente de distintas entonações, estabelece que o uso diastrático etário e o processo de mudança linguística na esfera diafásica se configuram como fatores determinantes para a ocorrência do processo sociolinguístico.

PALAVRAS-CHAVE: Sociolinguística Variacionista; Gíria; Ampliação semântica; Entonação; Prosódia.

ABSTRACT: This article aims at presenting an analysis of the uses of the slang "mano" ("brother") in Brazilian Portuguese from a diastratic and age perspective. It also shows an analysis of the process of linguistic change in the diaphasic sphere, as well as in intonational contexts that promote its semantic expansion. To do so, it is grounded on the concepts of the Theory of Linguistic Variation and Change (LABOV, 1994; WEINREICH, HERZOG AND LABOV, 2006; LUCCHESI, 2012), semantic expansion (ALVES, 2022), intonation (CANTERO, 2002) and prosody (CAGLIARI, 1992, 2007), associated with the concept of slang (PRETI, 1984; TRASK, 2004). This research analyzes the uses of the linguistic item "mano" in different contexts as well as its different intonation projections. Under this perspective, this study argues that the innovative usage of the selected slang indicates a linguistic change process with a diaphasic tendency. This work concludes that the semantic expansion of the slang "mano", resulting from different intonations, establishes that the diastratic and age uses of the term and the process of linguistic change in the diaphasic sphere are determining factors for the occurrence of the sociolinguistic process.

KEYWORDS: Variationist Sociolinguistics; Slang; Semantic expansion; Intonation; Prosody.

¹ Docente do Departamento de Humanidades/IFSP-Campus São Paulo, Doutorado em Língua Portuguesa/PUC-SP.

Introdução

As gírias têm sido cada vez mais utilizadas em variados espaços sociais de interação, tanto escritos quanto orais, muitas vezes até naqueles mais próximos à formalidade, como em apresentações acadêmicas na graduação ou mesmo por docentes em aulas ministradas. Isso denota, de alguma maneira, uma construção que vem se desenhando há algum tempo para esse tipo de uso, o que poderia ser observado como um processo de mudança linguística na esfera diafásica.

Nessa perspectiva, o entendimento de que o registro do uso de gírias, historicamente, deslocou o caminho marginal para um uso diastrático etário, também, possibilita a compreensão de que, nesse processo, as gírias avançam para espaços cujos registros são menos formais. Desse modo, alguns processos de variação circunscrevem essa dinâmica em direção a mudanças, mais especificamente, neste artigo, da ordem de ampliação semântica, com construções de entonações a partir da adjunção de interjeições em expressões gírias.

Antes, a fim de explicitar uma divisão clássica de prosódia e, nesse ponto, localizar nosso trabalho, trazemos Cagliari (1992, p. 137) que divide os elementos suprasegmentais prosódicos em três grupos de elementos: os da melodia da fala (tom, entonação, tessitura), os da dinâmica da fala (duração, mora, pausa, tempo, acento, ritmo, ársis/tesis) e os elementos da qualidade da voz (volume, registro, qualidade da voz). Dessa maneira, é importante destacar que nos valem apenas do aspecto entonacional, visto que aludimos aos usos aqui tratados, mas não realizamos gravações como coleta de dados.

Para nos embasarmos tecnicamente, citamos Cagliari (1992, p. 138) que demonstra um padrão denominado secundário que está além de sua função sintática, agregando-se significados semânticos relacionados com as atitudes do falante. Ele exemplifica da seguinte forma: “um tom descendente em nível alto, passando a baixo (no componenteônico), além de ser 'afirmativo', traz consigo ainda o significado de 'um pedido' que o falante faz”. Nesse sentido, justificamos nossa opção pelo percurso de

discutir os casos trazidos para análise apenas conforme a experiência como usuários da língua.

Outro enfoque refere-se à ideia de neologia semântica, que, na concepção de Alves (2002), está relacionada à transformação do significado de um item lexical quando não há alteração em sua forma, sendo que isso depende muito do contexto em que ocorrem, já que essa variação contextual é o que possibilita e determina a transformação do significado de um item léxico. Nesse ponto, um usuário da língua precisa conhecer a forma, comportamento sintático e seu significado, assim como suas relações com outras palavras.

Desse modo, para a consecução do que aqui propomos – evidenciar o processo de mudança linguística do uso de gírias em âmbito diastrático para o âmbito diafásico – valemo-nos do referencial atinente à Teoria da Variação e Mudança Linguística – Weinreich, Herzog e Labov (2006) e Lucchesi (2012), ao conceito de gíria – Preti (1984) e Trask (2004), à ampliação semântica – Alves (2002), a aspectos relativos à entonação – Cantero (2002) e à prosódia – Cagliari (1992, 2007).

Portanto, para nosso procedimento metodológico, selecionamos a gíria **mano**² como exemplo no qual apresentamos algumas das ampliações semânticas advindas de usos por grupos sociolinguísticos diversos, bem como as explicações adjacentes, observadas as distintas entonações utilizadas para a caracterização de tais ampliações. Além disso, propomos uma discussão acerca do percurso diastrático e diafásico em que o fator social é absorvido pelo fator situacional.

1 Gírias, variação, mudança e entonação: síntese teórica e análise

A gíria, como preconiza Preti (1984), é um vocabulário especial, sendo considerado um signo de grupo, a princípio secreto, de domínio exclusivo de uma

² **Mano** significa, de acordo com o dicionário online *Michaelis*, como substantivo, "forma carinhosa usada para designar o irmão; indivíduo com quem se tem amizade estrita; amigo, camarada; indivíduo com quem se partilha uma opinião ou uma atividade; companheiro, parceiro; forma usada como interlocutório pessoal; cara". Disponível em <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/mano>

comunidade social restrita. Nessa abordagem, a conceituação de gíria que consta em dicionários terminológicos, como o de Trask (2004), direciona-a para uma forma linguística informal e frequentemente efêmera. Além disso, Trask (2004, p. 125) propõe que a gíria “tem sido descrita como língua em estado de jogo, isto é, as melhores gírias são pitorescas, exuberantes, espirituosas e fáceis de lembrar”.

No entanto, ao nos distanciarmos dessas noções primeiras acerca do conceito de gíria, pretendemos discutir o fato de que, contemporaneamente, as gírias têm sido ressignificadas quanto a seu conceito e em relação a sua efemeridade, duas das principais características históricas desse tipo de uso. No que se refere ao conceito, como aqui defendemos, as gírias têm transposto a percepção de que apenas poderiam ser utilizadas em ambientes de interação coloquial distensa; já sobre sua efemeridade, ainda que mantenha a mesma noção de servir a objetivos sociocomunicativos mais pontuais, observamos que muitas delas vêm seguindo em uso há tempos, configurando uma perspectiva de adoção por mais de uma geração, por exemplo.

Em específico, assinalamos o que Trask (2004, p. 124) exprime: “[as gírias] costumam ser introduzidas por membros de um grupo social particular; podem continuar sendo típicas desse grupo e servir como uma de suas marcas de identidade ou, ao contrário, tornar-se mais amplamente conhecidas e usadas”. Em outras palavras, como confirma Preti (1984, p. 61), “a vida das palavras torna-se um reflexo da vida social e, em nome de uma ética vigente, proíbem-se ou liberam-se palavras, processam-se julgamentos de ‘bons’ ou ‘maus’ termos, apropriados ou inadequados aos mais variados contextos”.

Em vista da defesa que fazemos sobre o movimento que as gírias vêm empreendendo, trazemos a Teoria da Variação e Mudança Linguística, a fim de solidificar nossa alegação de que estamos vivenciando um processo de transformação de fenômeno sociolinguístico no qual os grupos sociais têm se tornado menos restritivos a adoções de diferentes origens linguísticas. Nessa perspectiva de abordagem teórica, cumpre-nos apresentar o conceito de variação diastrática e o de variação diafásica, com vistas a localizar melhor o percurso que adotamos na nossa argumentação, bem como

circunscrever a ideia de ampliação semântica sob o viés conceitual da neologia, além de aspectos relativos à entonação e à prosódia.

Classicamente, segundo conceito de Alkmin (2001, p. 35), a variação social ou diastrática “relaciona-se a um conjunto de fatores que têm a ver com a identidade dos falantes e também com a organização sociocultural da comunidade de fala”. Por conseguinte, a noção de estrato social fica evidente e, em específico, classe social, idade, sexo e contexto social. Em outros termos, a ligação da gíria a um contexto social específico de uma classe social, ao longo do tempo, insere-a, em seus primórdios, em classes sociais consideradas baixas e formada por grupos semiescolarizados, com repertório lexical restrito.

Contudo, ainda seguindo a proposição de Alkmin (2001), quando avançamos na linha do tempo, chegamos a uma primeira alteração nesse/desse conjunto de fatores – a adoção por adolescentes do uso de gírias como marcador social de identidade, ainda localizados na periferia social e/ou econômica. Isso leva a um tipo de organização sociolinguística que conduz a comunidade de fala – adolescentes – a correlacionar-se por meio dessas construções neológicas, em grande parte, a fim de criar um ambiente linguístico que os diferencie dos demais grupos.

A partir disso, podemos inferir que, na contemporaneidade, sem tantas restrições de ordem social e/ou econômica, ou seja, as gírias já vêm transitando entre classes sociais variadas e independente de nível de escolaridade, e em razão de fatores que vão desde o acesso à internet até políticas de inclusão social que promovem uma mescla entre classes sociais bem menos segregacionista que em um passado recente, observamos que a circulação maior revela uma ampliação dos distintos estratos sociais, convergindo para práticas sociolinguísticas que independem de classe social, idade ou sexo, transpondo-se em seu contexto social e possibilitando trocas mais efetivas, mesmo que se observe um uso distinto a depender do grupo social.

No caso da variação diafásica, o grau de formalidade depende da situação e dos interlocutores quanto ao contexto e ao meio de interação e, de acordo com Camacho (2001, p. 58), “em função das condições sociais de produção discursiva”. Nesse aspecto, tem-se o resultado de adaptações dos usos linguísticos específicos para atos verbais

conforme as circunstâncias em que são produzidos. Entretanto, as variedades são tantas e as possibilidades de situações específicas em momentos igualmente específicos, que os estilos tendem a uma mescla não apenas quanto aos usos mais formais ou menos formais, mas também, a alternâncias em uma mesma situação sociolinguística, o que remete a nossa inferência dos novos usos das gírias em diferentes espaços de circulação social.

Nesse ponto, citamos Lucchesi (2012, p. 794), que sustenta a ideia de que “a concepção de um sistema linguístico heterogêneo e variável faz com que necessariamente a Sociolinguística defina o seu objeto de estudo como a comunidade de fala”, ou seja, “a coletividade que usa concretamente a língua em um contexto histórico específico”. Nesse sentido, o entendimento de que a comunidade de fala que se agrupa em determinadas condições históricas estabelece tacitamente aquilo que será mobilizado para as interações nos encaminha para o entendimento de que esse processo retroalimentado vem ocorrendo similarmente quanto às gírias.

Desse processo, buscamos em Weinreich, Herzog e Labov (2006, p. 17) a perspectiva teórica acerca de variação e mudança linguística na qual a identificação dos fatores condicionantes (transição, encaixamento, avaliação e implementação) são primordiais para se sustentar processos do tipo que apresentamos neste artigo. Especificamente no caso de gírias, isso se torna crucial para provar os aspectos que se relacionam à estrutura sociolinguística, seus efeitos e razões para tais usos ocorrerem na língua.

Posto isso, sustentamos que a mudança linguística reverbera no sistema linguístico os níveis semânticos e pragmáticos, além dos fonológicos, morfossintáticos; no léxico, manifesta-se, em primeira instância, com maior visibilidade quanto a mudanças, principalmente se a neologia se ancorar em uma ampliação semântica, considerado o uso em termos pragmáticos a partir de contextos bastante específicos, como é o caso da proposta nesta pesquisa, o que remete a uma adoção como a de vocábulos gírios com ampliação semântica, caracterizados de modo mais particular devido à entonação.

Além dessa perspectiva baseada na Teoria da Variação e Mudança Linguística, é importante expor a noção de neologismo. Alves (2002) afirma que todas as línguas utilizam neologismos, já que a “criação neológica” faz parte da história das línguas e constitui uma evidência inequívoca de vitalidade, essencial para suprir as necessidades dos falantes e as condições de comunicação do idioma. Nesse ponto, cabe-nos trazer a neologia semântica – estágio no qual há uma nova correspondência significativa-significado, ligada à neologia pragmática, quando resulta da passagem de um registro a outro, como se analisa neste artigo. Isso se aplica ao neologismo semântico, quando os usuários de uma língua ressignificam um determinado signo e ampliam sua significação como estratégia para a interação.

Para além desse processo de ampliação semântica, há outro ponto observado que é o da entonação, que entendemos como algo permeado por fatores diversos – personalidade, crenças, atitudes, intuições, convicções, motivação, valores – e que está posto como um fenômeno linguístico que constitui as variações de tom relevantes no discurso oral (CANTERO, 2002), dando forma ao ato de fala com o objetivo de atender às dimensões linguísticas, discursivas e culturais. Em outros termos, tecnicamente, de acordo com Cantero e Mateo (2011), a entonação se articula mediante processos dinâmicos, produzindo unidades distintivas cuja significação não se encerra em si, visto que depende dos contextos e das intenções dos interlocutores, permitindo a incorporação de diversos sentidos, o que remete à entonação paralinguística.

Nesse sentido, valemo-nos da ideia de entonação paralinguística, cujo conceito remete à expressão de intenção do interlocutor em uma determinada melodia. De outra forma, trata-se de um nível de formulação discursiva que aporta as ênfases desejadas pelo falante quanto à produção em cada enunciado e, para além do nível linguístico, permite uma variação de sentidos nos enunciados que o falante produz em suas interações, como assinalam Cantero e Mateo (2011). Evidentemente, nesse processo, o dinamismo inerente e complexo que a entonação possui não pode prescindir da coarticulação dos níveis pré-linguístico, linguístico e paralinguístico.

Em vista disso, a entonação paralinguística deve ser interpretada, conforme Araújo (2014) ressalta, em conjunto com os conteúdos léxico-gramaticais e fatores pragmáticos. A autora explicita que

[...] na entonação emocional, podemos verificar os traços de expressão pessoal do interlocutor, seus laços de afetividade e espontaneidade. Já a entonação de foco incide sobre a melodia do enunciado, apontando para determinadas partes onde está presente a relevância do discurso do interlocutor. A entonação de cortesia, por sua vez, se ocupa dos efeitos de intensificação ou atenuação da mensagem transmitida no discurso. (ARAÚJO, 2014, p. 36)

Assim, com base nessa linha teórico-conceitual, que congrega variação, mudança, neologia, ampliação semântica, entonação e prosódia, passamos à análise do *corpus* selecionado, retirado da publicação do Instagram **redactaescrita**, contemplando 4 expressões com utilização de interjeições. Esse recorte deve-se a uma melhor maneira de analisar a entonação, visto que, nas línguas românicas, a entonação presta-se a discriminar intenções de surpresa ou descontentamento, por exemplo; também, para diferenciar uma pergunta de uma afirmação. Nesse aspecto, a escolha das expressões com alongamento de vogais facilita a análise de entonação, devido à forma pela qual optamos para explicar os casos.

Abaixo, o quadro com todas as expressões da fonte **redactaescrita** (página no Instagram) e, na sequência, a tabela com as 4 selecionadas para análise:



redactaescrita



SÃO PAULO

| | |
|--------------|------------------|
| êêêê mano | = presta atenção |
| ôôôô mano | = por favor |
| aaah mano | = lembrei |
| maaaano | = como assim? |
| MANO | = ferrou |
| mano do céu | = caramba |
| iiiih mano | = não vai dar |
| putz mano | = é mesmo? |
| para mano | = não acredito |
| mano... para | = para agora |

TABELA 1 – Expressões com gíria mano

| EXPRESSÃO | SENTIDO |
|-----------|----------------|
| Aaah mano | Lembrei |
| Êêêê mano | Preste atenção |
| Iiih mano | Não vai dar |
| Ôôôô mano | Por favor |

Na primeira expressão “Aaah mano”, o registro entonacional remete ao sentido de “lembrei”. Isso indica que o alongamento da vogal “a” traça uma linha melódica na qual a relevância do discurso para a interação leva o interlocutor para a ideia de algo que foi lembrado. Nesse aspecto, o papel da entonação tem o objetivo duplo de manter o uso da gíria, mas distanciando-se do sentido apenas de “irmão”, assinalando a ampliação semântica, ao denotar indivíduo com quem se tem amizade estrita, com que se partilha uma opinião ou uma atividade.

Além disso, o conjunto entonação + base **-mano** provoca a percepção de que os grupos que utilizam tal gíria buscam no acréscimo da interjeição uma forma de manter a gíria para o que conceitualmente ela se propõe e, simultaneamente, não precisar dispor da necessidade de criar uma nova palavra para dar conta do que se queira comunicar como representação de “lembrei”. Nesse sentido, é possível identificar um processo de variação e mudança, uma vez que o processo neológico está presente ao mesmo tempo em que os fatores condicionantes – transição, encaixamento, avaliação e implementação – podem ser identificados (WEINREICH, HERZOG E LABOV, 2006).

Em outros termos, a mudança linguística se inicia no percurso da generalização de uma alternância particular em uma direção, assumindo o caráter de uma diferenciação ordenada. Ademais, a estrutura linguística inclui a diferenciação ordenada dos usuários e dos estilos por meio de regras que governam a variação na comunidade linguística, sendo eles fundamentais no processo de sistematização de casos de variação, isto é, como atesta Labov (2008), há uma configuração que permite observar a difusão e a propagação das mudanças linguísticas, bem como a regularidade da mudança linguística.

A segunda expressão selecionada é “Êêê mano”. Nela, constatamos o alongamento da vogal “e”, entretanto sem finalizar com a letra “h”, que caracterizaria classicamente uma interjeição, contudo o acento circunflexo tem papel fundamental no processo de entonação da expressão. Com isso, há uma construção de sentido que gera a ideia de “presta atenção”, configurando um chamamento mais específico, como uma espécie de indicação para que o interlocutor se atente sobre uma determinada situação e repense o que fala ou que passe a dar crédito ao que está sendo dito naquela interação.

Nesse ponto, é interessante observar que o significado interpretativo, conforme Cagliari (1992, p. 138), é tudo aquilo que traz consigo uma referência ao falante, que representa sua atitude. Ou seja, tem-se a possibilidade de um uso ascendente ou descendente de sua entonação, provocando a ampliação semântica ao se adotar uma forma ou outra para colocar suas intenções por meio da escolha prosódica efetuada.

A partir dessa concepção, podemos pensar no papel da entonação emocional, visto que há traços de expressão pessoal do interlocutor, de seus laços de afetividade e

até de uma espontaneidade no processo interacional. Também, podemos inferir que o papel da entonação de foco é fundamental, posto que, na melodia do enunciado, existe a sugestão para determinadas partes onde está presente a relevância do discurso do interlocutor.

Em termos de variação diafásica, é possível entender que há um uso ligado a situações de registro mais informal, mesmo que independente de questões diastráticas. Em outros termos, seguindo a orientação de Labov (1994) de que toda língua apresenta variações e de que potencialmente desencadeia mudanças, podemos notar que não se trata apenas do que é estritamente linguístico, mas de como a língua se insere em seus usos nos grupos sociolinguísticos.

No caso de “Iiih mano”, o alongamento de vogal leva ao sentido de “não vai dar”, isto é, não será capaz de realizar algo que tenha sido solicitado ou pedido. Neste exemplo, é viável conotar a entonação de cortesia, já que os efeitos de intensificação ou de atenuação da mensagem transmitida no discurso estão presentes na melodia propiciada pelo alongamento da vogal “i”.

Nesse sentido, recorreremos à noção de pragmática da entonação como uma relação existente entre a produção do enunciado e a atribuição de sentido feita pelos interlocutores. Nesse caso, as atitudes são preponderantes para a consecução dos objetivos da interação e, aliado a isso, a prosódia pode contribuir para a expressão de uma atitude (polidez ou rudeza, por exemplo).

Também, é factível, conforme Bodolay (2009), pensar na atitude interpessoal, que levaria um comportamento para com o interlocutor com a prosódia modalizada para aquele fim determinado, sendo o histórico da relação entre os locutores um fator contextual a ser observado na interpretação dos enunciados, bem como a perspectiva sociopragmática que as diversas possibilidades de usos da linguagem apresentem naquele determinado contexto.

Do ponto de vista da diafasia, fica evidenciado que o registro mais informal pode ser resultado de uma relação mais próxima entre os interlocutores, o que permite utilizar uma entonação mais polida, a fim de mitigar qualquer possibilidade de conflito. Além disso, ponderando a questão diastrática, o fato de comporem um grupo

sociolinguístico comum do mesmo modo colabora para que haja compreensão da entonação escolhida para dizer que não será possível realizar algo que foi pedido.

Por último, a expressão “Ôôô mano”, que significa “por favor” no contexto em que estamos tratando. Ela traduz a necessária entonação que direciona o interlocutor para a compreensão de que algo solicitado ou pedido apenas o é porque se trata de alguém com quem se tem amizade estrita, companheirismo e parceria, carregando, em si, a prerrogativa de deliberar sobre o que é ou não adequado frente ao conjunto sociolinguístico que valida seu sentimento de pertença ao grupo.

Nessa perspectiva, considerando a noção de atitude, segundo Antunes (2007), é necessário ponderar nuances prosódicas que poderiam dar pistas sobre como o falante informa seu ponto de vista dentro da interação verbal, propiciando ao interactante pistas para que seu comportamento seja percebido ou, pelo menos, inferido e que isso propicie efetivar o entendimento de que a quem se peça algo o é pelo tipo de relação estabelecido como grupo sociolinguístico, caso contrário, se houver um padrão prosódico inadequado, há risco quanto à interação e seu êxito, ou seja, recuperar a ideia de que as marcações prosódicas/entonacionais não são acessórios em nossa fala.

Em relação à ampliação semântica, optamos por relacionar o sentido de “por favor”, mas outras possibilidades de utilização também há nesse uso, como chamar a atenção para algo que esteja em desacordo, por exemplo. De qualquer maneira, existe a ampliação por causa do alongamento da vogal “o” e já um outro processo com novos significados a partir de entonações diferentes. Isso se torna bastante interessante de observar na perspectiva diastrática, visto que projeta um processo de mudança linguística em curso.

Assim, retomando os exemplos selecionados, uma questão primordial liga-se com o léxico que, segundo Silva (2000), é constituído de um saber vocabular inserido em um grupo sociolinguístico e culturalmente definido, no qual o conhecimento partilhado povoa a consciência do falante e de onde o acervo se configura como um divisor de entornos e, simultaneamente, revela valores, crenças, costumes, modismos que viabilizam a comunidade em que vive o usuário.

Nesse aspecto, a gíria “mano” se posiciona nesse acervo lexical construído que estabelece para os grupos sociolinguísticos que a utilizam um modo de uso que os diferencia como grupo e, ao mesmo tempo, por razões diversas, sentem a necessidade de mudar para se garantirem efetivamente como grupo distinto de outros, promovendo mudanças entonacionais que configuram o processo de pertença em uma comunidade de fala. Nesse contexto, a neologia semântica também exerce papel importante, uma vez que propicia ampliação de significados a partir de uma mesma base lexical (“mano”).

Além disso, na perspectiva entonacional e de recursos prosódicos, de acordo com Cagliari (2007, p. 180), há a ideia de que

a escolha dos tons relaciona-se com as noções de modo (tipos de orações declarativas, interrogativas...), com a noção de modalidade (asserção de possibilidade, probabilidade, validade, relevância... do que se está dizendo), com os atos de fala (ordem, pedido, sugestão...) e com as atitudes do falante, seu comportamento protocolar linguístico, como: polidez, indiferença, surpresa etc. (CAGLIARI, 2007, p. 180)

Por fim, destacamos que a diafasia e a questão diastrática envolvidas e que remetem a mudanças na língua nem sempre são inovações aceitas pela sociedade ou semelhantemente incorporadas e difundidas a ponto de passar a compor o léxico da língua. Nesse sentido, seguindo Labov (1994), pensando na origem da mudança, referindo-a a inúmeras variações possíveis cujo uso se circunscreve a um pequeno grupo de falantes, temos na propagação a possibilidade de ampliar o número de falantes que adota uma variante.

Conclusão

Neste artigo, inferimos ser possível avaliar processos de mudança em andamento, mesmo com uma amostra mais restrita como a que apresentamos neste texto. Nesse sentido, há a transição – estruturas linguísticas que se generalizam e/ou que se decategorizam e/ou que se dessemantizam, há o encaixamento – conforme a matriz contínua de comportamento sociolinguístico e há a avaliação – espaços ocupados pelos

interactantes em diferentes tipos de uso com a entonação sendo um recurso para validar seu sentimento de pertença.

Nessa perspectiva, Neves (2003) legitima nosso posicionamento no sentido de que variação e mudança são propriedades constitutivas da linguagem, existindo diferentes e legítimos modos de uso da língua em diferentes lugares, em diferentes tempos e em diferentes situações, além de a funcionalidade desses diferentes usos incluir a existência de normas. Além disso, segundo Weinreich, Herzog e Labov (2006), a mudança linguística começa quando um dos muitos traços característicos na fala se difunde através de um subgrupo específico da comunidade de fala, este traço então assume uma certa significação social.

Assim, ao propormos analisar a ampliação semântica que decorre da utilização de distintas entonações para a base **-mano**, argumentamos que o uso diastrático etário e o processo de mudança linguística na esfera diafásica se configuram como fatores determinantes para a ocorrência do processo sociolinguístico no qual o neologismo semântico é concretizado e atua de maneira a propiciar aos grupos que se utilizam dessa forma de expressão para as interações uma forma de concretizar o sentimento de pertencimento, dado que se trata de um fenômeno sociolinguístico observado em interações variadas e verificado informalmente como bastante comum em grupos sociais.

Referências

- ALKMIN, T. Sociolinguística – Parte I. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. **Introdução à linguística**. São Paulo: Cortez, 2001. v. 1. p. 21-47.
- ALVES, I. M. **Neologismo: criação lexical**. 2ª ed. São Paulo: Ática, 2002[1990].
- ANTUNES, L. B. **O papel da prosódia na expressão de atitudes do locutor em questões**. 2007. 306f. Tese (Doutorado em Linguística) da UFMG, 2007. Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte, 2007.
- ARAÚJO, M. L. **Entonação das interrogativas e das declarativas do português brasileiro falado em Minas Gerais: Modelos para o Ensino de Línguas**. 2014. 235 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) - Universidade de Brasília, Brasília, 2014.



BODOLAY, A. **Pragmática da entonação**: a relação prosódia/contexto em atos diretivos no português. 2009. 303f. Tese (Doutorado em Linguística). Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte, 2009.

CAGLIARI, L. C. Prosódia: algumas funções dos supra-segmentos. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 23, p. 137-151, jul/dez 1992.

CAGLIARI, L. C. **Elementos de fonética do Português Brasileiro**. São Paulo: Paulistana, 2007.

CAMACHO, R. Sociolinguística – Parte II. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. **Introdução à linguística**. São Paulo: Cortez, 2001. v. 1. p. 49-75.

CANTERO, F. J. **Teoría y análisis de la entonación**. Barcelona: Ed. Universitat de Barcelona, 2002.

CANTERO, F. J.; MATEO, M. Análisis melódico del habla: complejidad y entonación en el discurso. **Oralia**, 14, 2011, p. 105-127. Disponível em <https://ojs.ual.es/ojs/index.php/ORALIA/article/view/8078/6659> Acesso em 23 jul.2022.

LABOV, W. **Principles of linguistic changes**. Oxford: Blackwell/Cambridge, 1994.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Trad. Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LUCCHESI, D. A Teoria da Variação Linguística: um balanço crítico. **Estudos Linguísticos**. São Paulo, v. 41, n. 2, p. 793-805, maio/ago, 2012. Disponível em <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/1198/753> Acesso em 23 jul.2022.

NEVES, M. H. M. **Que gramática estudar na escola?** São Paulo: Contexto, 2003.

PRETI, D. **A gíria e outros temas**. São Paulo: Edusp, 1984.

SILVA, M. E. B. O dinamismo lexical: o dizer nosso de cada dia. In: AZEREDO, J. C. (org.). **A língua portuguesa em debate**: conhecimento e ensino. Petrópolis/RJ: Vozes, 2000.

TRASK, R. L. **Dicionário de linguagem e Linguística**. São Paulo: Contexto, 2004.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

Recebido em: 04/08/2022 | Aprovado em: 26/08/2023

Publicado em: 12/07/2025
